

✓ **Seidade** (*Be-ness*, em inglês) – Termo criado pelos teósofos para expressar mais exatamente o significado essencial da intraduzível palavra *Sat*. Esta palavra [sânscrita] não significa “Ser”, porque pressupõe um sentimento ou alguma consciência de existência. Porém, como o termo *Sat* aplica-se unicamente ao Princípio absoluto, à Presença Universal, desconhecida e sempre incognoscível, que o pantefismo filosófico postula no Kosmos, denominando-o de base radical do Kosmos e o próprio Kosmos, a palavra “Ser” não era adequada para expressá-lo. De fato, a palavra *Sat* não é sequer a “Entidade incompreensível”, como a traduzem alguns orientistas, uma vez que não é uma Entidade nem também uma não-Entidade, mas ambas de uma só vez. É, segundo se disse, *Seidade* absoluta, não-Ser; o Todo único, sem segundo, indiviso e indivisível; a Raiz da Natureza visível e invisível, objetiva e subjetiva, que deve ser percebida através da mais elevada intuição espiritual, porém que jamais deve ser plenamente compreendida.

✚ **Seidur** (*Esc.*) – Nome que os antigos islandeses davam à mais antiga e terrível forma de magia, que se operava sobre o fogo, através da poesia ou de certos cantos. As vítimas destas práticas execráveis ficavam atormentadas pela idéia de que o resto de suas vidas devia ser uma cadeia de desgraças.

Seir Anpin ou **Zaur Anpin** (*Hebr.*) – Na *Kabbalah*, é “o Filho do Pai oculto”, aquele que reúne em si todos os *Sephiroth*. Adão Kadmon ou o primeiro “Homem celeste” manifestado, o *Logos*.

Sejem e Sejet – Ver *Sekhem* e *Sekhet*.

Sekhem ou **Sejem** (*Eg.*) – O mesmo que *Sekten*.

Sekhet ou **Sejet** (*Eg.*) – Ver: *Pacht*.

Sekhet-hetepet ou **Sejet-hetepet** (*Eg.*) – Os Campos Elíseos.

✚ **Sekten** (*Eg.*) – O *Devachan*; o lugar de recompensa depois da morte; é um estado, não uma localidade. (Ver *Devachan*.)

✚ **Selk** (*Eg.*) – Deusa sobre cuja cabeça figura um escorpião. É uma forma de Ísis.

Selo de Salomão – É o duplo triângulo entrelaçado simbólico adotado pela Sociedade Teosófica e por muitos teósofos. O porquê chamar-se “Selo de Salomão” é um mistério, a não ser pelo fato de ter chegado à Europa procedente do Irã, onde há tantas histórias a respeito deste personagem mítico e do selo mágico utilizado pelas pessoas daquele país para pegar os djins e aprisioná-los em garrafas velhas. Porém este selo ou duplo triângulo é designado também na Índia pelo nome de “Signo de Vishnu” e pode ser visto em todas as casas de todas as aldeias como um talismã contra o mal. O triângulo era sagrado e usado como símbolo religioso no Extremo Oriente alguns séculos antes de Pitágoras tê-lo proclamado a primeira das figuras geométricas, bem como a mais misteriosa de todas. É encontrada na pirâmide, no obelisco e está cheio de significado oculto, assim como estão realmente todos os triângulos. Assim, o pentagrama é o triplo triângulo e o de seis pontas é o *Healpa*. (Ver *Pentaclo* e *Pentagrama*.) A direção que um triângulo indica determina seu significado. Se está voltado para cima significa o elemento masculino e o *fogo divino*; se voltado para baixo, o elemento feminino e as *águas* da matéria; se para cima, mas com um risco ou uma barra que cruza a ponta, significa o *ar* e a luz astral; se para baixo, com um risco ou uma barra, a *terra* ou matéria grosseira etc. Quando um sacerdote cristão grego, ao abençoar, junta o polegar, o indicador e o médio, faz simplesmente o símbolo mágico, através do poder do triângulo ou da “trintade”. [O “duplo triângulo” significa as seis direções do Espaço, a união e a fusão do Espírito Puro com a Matéria, do *Arûpa* com o *Rûpa*, dos quais os triângulos e o *Zri-Antara* dos brahmanes são um símbolo. (*Doutrina Secreta*, I, 143.)]

Selo do Coração – Ver *Doutrina do Coração* e *Svastika*.

Selo de Verdade ou **Selo Verdadeiro** – Nome dado à “Doutrina do Coração”. É um símbolo que encabeça quase todas as obras esotéricas. (*Voz do Silêncio*, II.)

Semana Santa – É a grande época do ano cristão. “Todo o ofício do Sábado Santo é de uma beleza verdadeiramente ideal e de uma filosofia profunda – diz *E. Burnouf*. – Não posso reproduzi-lo aqui como gostaria, porém convido a todos aqueles que se ocupam com o estudo das religiões a segui-lo com o livro na mão e o espírito aberto. Se guardam na memória a recordação das grandes cerimônias védicas, as encontrarão aqui inteiras, em meio às orações, que lhes recordarão os mais belos cantos de nossos antepassados ários. Ali verão as ‘portas eternas’ do recinto sagrado, por onde há de passar ‘o rei glorioso’; o fogo divino e a vida que jazem ainda no cálice (*samudra*) sob a figura de Jonas; a luz indefectível do Pai; o Espírito penetrando na pia batismal como uma virtude misteriosa; o fogo nascendo pela fricção do pedernal, que no Ocidente substituiu os *Aranf* e em seguida o crio, grande símbolo pascal. Nos tempos antigos da Igreja, a cerimônia do fogo e do crio eram efetuadas no domingo, ao amanhecer, uma vez que, no dia do equinócio, o Sol desponta às seis horas. O fogo, excitado pela fricção, serve para acender o crio pascal; o diácono, vestido de branco, toma uma haste (o *vetasa* dos hinos), em cuja extremidade superior há três castiçais, que representam os três fogos do recinto védico; os acende um após outro com o fogo novo, dizendo a cada vez: ‘a luz do Cristo’. Em seguida acende o crio pascal, no qual a cera substitui a manteiga do sacrifício, a ‘mãe-abelha’, a vaca dos hindus. Por último surge o Cristo, sob seu verdadeiro nome de *Agnus*, que pode muito bem ser *Agni* sob forma latina. Recita-se então a seguinte oração, em que se encontra exposta a mística de todo rito pascal: ‘Oh noite verdadeiramente feliz, que se encontra exposta a mística de todo rito pascal: ‘Oh noite verdadeiramente feliz, que despojou os egípcios (*Saryus*, no Veda) e enriqueceu os hebreus (ários)! Noite em que as coisas celestes se associam às coisas terrestres e as divinas às humanas! Rogamos-te, Senhor, que este crio, consagrado em honra de teu nome, permaneça indefectível para destruir as trevas desta noite e que, recebido em aroma de suavidade, se misture com os luminares do alto’. Que o astro que pela manhã traz a luz (*lucifer matutinus*) encontre suas chamas: este astro, digo, que não se põe nunca, que retornou das regiões inferiores, luziu sereno sobre a linhagem humana.” (*E. Burnouf*, *A Ciência das Religiões*, 3ª ed., pp. 232 e segs.) Ver *Páscoa*.

Senâ (*Sânc.*) – O *shakti* ou aspecto feminino de *Kârttikeya*; é chamado também de *Kaumâra*. [*Senâ* significa também: exército, hoste, linha de batalha, arma, flecha.]

Senânî (*Sânc.*) – Caudilho ou chefe do exército.

Sendeiro – Lemos na *Voz do Silêncio*: “Não podes percorrer o Sendeiro antes que tu tenhas te convertido no próprio Sendeiro”. Este Sendeiro – diz o comentário – é mencionado em todos os tratados místicos. Como declara *Krishna* no *Dhyaneswari*: “Quando se percebe este Sendeiro... parta já alguém para as magnificências do Oriente ou em direção às câmaras do Ocidente, *sem se mover...*, o viajante está a caminho. Neste Sendeiro a qualquer lugar que a pessoa se dirija, *aquele lugar* converte-se no próprio eu de alguém. ‘Tu és o Sendeiro’, diz ao Adepto *guru* e este último diz ao discípulo depois da Iniciação. ‘Eu sou o caminho e a via’, disse outro Mestre [Jesus]”. Este enigma explica-se tendo-se em conta que a palavra “Sendeiro” alude aos graus de progresso interior individual no curso do discipulado, ao desenvolvimento progressivo do indivíduo na via ascendente da espiritualidade. Os graus ou etapas desta evolução estão divididos em dois grupos, constituindo os do primeiro o *Sendeiro probatório* e os do segundo, o Sendeiro propriamente dito, ou *Sendeiro do Discipulado*, que serão descritos mais adiante.